

## BERTRAND RUSSUELL E UM OLHAR CONTEMPORÂNEO: FORMAS DE PODER, EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE.

Rafael Manoel de Souza Silva <sup>1</sup>  
José Marcos Gomes de Luna <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo, se apresenta refletindo as formas de poder, que segundo Russell, se apresenta em duas formas, sendo elas: O poder Nu e o Poder Tradicional. Em linhas gerais, o poder Nu acontece quando existe um questionamento a respeito de uma dada situação. No caso em estudo, o poder nu podemos compreender como sendo aquele que se levanta para questionar o processo educativo. Já, no que tange ao poder tradicional, se dá quando não existe um questionamento, as ações são feitas sem que os sujeitos sociais se rebelem contra. Assim, Paulo Freire nos apresenta uma proposta cuja educação é viável para uma prática libertadora, tendo sujeitos críticos e buscando mitigar a desigualdade que acontece desde outrora até a contemporaneidade. O trabalho em curso, tem como caminho metodológico a abordagem qualitativa, pois possibilita uma reflexão e compreensão melhor do que fora estudado. Portanto, enquanto caminhos que corroboraram para termos uma educação menos injusta, desigual e mais fraterna, é termos mais investimento na educação, bem como, no processo educacional, palestras, minicursos e estimular os jovens a realizem pesquisas onde despertará o senso crítico, podendo questionar as formas de poder, objetivando atores sociais críticos e um desenvolvimento em todos os aspectos da sociedade, tal como, da educação, afinal, ela não se faz sozinha.

**Palavras-chave:** Bertrand Russell, Educação, Paulo Freire, Poder Nu, Poder Tradicional.

### INTRODUÇÃO

O vigente estudo, busca refletir a realidade em que a sociedade, o mundo fora mergulhada em um contexto de pandemia e as consequências no que tange a educação e a desigualdade. Bem como as formas de poder presentes na contemporaneidade. Tal reflexão, traz Bertrand Russell, filósofo inglês que ajuda-nos a pensar a sociedade e as formas de poder nela existente.

Desta feita, temos como apontamento inicial, a educação como aquela que é ponte e meio eficaz para diminuir as desigualdades sociais, econômicas, culturais, fruto do poder enquanto elemento que segrega, indo de encontro a sua função que é reguladora/mediadora de uma sociedade justa.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, [rafael.2020170231@unicap.br](mailto:rafael.2020170231@unicap.br)

<sup>2</sup> Professor Doutor, departamento de Estudos e Humanidade-Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, [marcos.luna@unicap.br](mailto:marcos.luna@unicap.br).

Para Guiraud (2018) a organização escolar é penetrada por relações de poder e dominação, refletidas em sua cultura. O espaço em que as relações de poder e desigualdade se fazem presente de várias formas, dentre as quais as diferentes realidades socioeconômica, a própria produção do conhecimento. Vale referir que, a escola é um território de poder, nela se manifesta o poder político, poder religioso, o poder da cultura.

Dessa forma, Russell (1979, p. 24), define o poder como “a produção dos resultados pretendidos”, sendo assim, com o avanço das tecnologias a modernização do meio técnico-científico-operacional, as formas de poder foi se dando de forma diferente e sua atuação foi sendo alargada.

Passamos a olhar a educação que não é uma construção feita de forma isolada, não é uma ilha, bem como a formação dos professores, nada se dá de forma separada. Gatti (1997, p. 57) reforça o caráter social do ato de ensinar: “sempre confrontada e reconstruída pela própria prática e pelo trato com os problemas concretos dos contextos sociais em que se desenvolvem, poderia ser a chave de toque que acionaria uma nova postura metodológica”.

Compreendendo o contexto dos educandos, o professor poderá corroborar para uma formação crítica dos sujeitos sociais e a atuação do professor nos tempos presente se dá de forma indispensável, Cortella (2014, p. 13) salienta que o ato de ser professor “é ser aquele que, antes de tudo, se compraz no encontro, na junção, na relação. É ser aquele que tem como mote algo que é extremamente romântico- e por isso bonito, jamais descartável: termos uma humanidade que vive em confraternização [...]”

Portanto, pensar a realidade da pandemia nos coloca em diálogo direto com Russel, quando ele aponta algumas formas de poder e elas se fazem presente na atualidade, interfere na educação, desemboca na desigualdade.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa fez escolha pela abordagem qualitativa, uma vez que a mesma corrobora para a compreensão do estudo em foco. Minayo (2010) salienta que a pesquisa qualitativa ajuda a compreensão de um ‘universo dos significados, motivações, crenças, valores e atitudes’ o que fomenta a compreensão de forma aprofundada a relações e processos.

Neste íterim, foi feita uma pesquisa documental, objetivando criar um banco de dados a respeito da temática em estudos. E, as reflexões a respeito do poder segundo Bertrand Russell é fruto do grupo de pesquisa do curso Bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Desta feita, a pesquisa buscou observar as formas de poder presente na realidade escolar e como ela se manifesta na atualidade. Diante desse debate, é importante pensar o papel da escola, dos sujeitos sociais que compõem o arranjo escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1. EDUCAÇÃO E A DESIGUALDADES: UM OLHAR HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO.**

Construir uma educação que permita os sujeitos sociais a terem ascensão social, econômica, política e cultural, temos a educação como o caminho pelo qual, não se permite abuso ou melhor, por meio da educação podemos construir uma sociedade em que tem atores sociais mais críticos e é o caminho que permite diminuir as desigualdades existentes na construção da sociedade. Assim, corrobora para a reflexão em curso, Dias e Pinto (2019, p. 449):

O ato de educar é um processo constante na história de todas as sociedades, não é o mesmo em todos os tempos e lugares, e é, em sua essência, um processo social. Além disso, educação e sociedade se correlacionam porque a primeira exerce forte influência nas transformações ocorridas no âmago da segunda.

Neste sentido, a educação existe desde os tempos passados, não é uma atividade presente, desde a construção da sociedade, em paralelo se deu a educação, mesmo que de forma desigual. Mediante essa afirmação, podemos deduzir que, mesmo que a educação seja um processo constante na história de todas as sociedades, a educação não se dá da mesma forma em todos os tempos e em todos lugares. (DIAS E PINTO, 2009).

Não obstante, a educação não pode ser entendida em partes, fragmentadas, como um projeto de qualquer grupo político e social, mas, como uma prática social, situada historicamente, em uma determinada realidade.

Em reportagem veiculada pelo site do Senado Federal<sup>3</sup>, revela que, dentro de um contexto de pandemia, a desigualdade escancarou a situação do Brasil, no que tange a desigualdade social e econômica. Salientando que, o Brasil está entre os dez países mais desiguais do mundo.

Em 2019, a extrema pobreza se agrava em relação a 2012, ou seja, nos últimos sete anos, a miséria passou de 6,5% para 13,5%. Os pardos e os pretos, e sobretudo as mulheres, são mais afetados<sup>4</sup>. Neste sentido, ao olharmos esses dados, podemos entender a situação em que se encontram as famílias e respectivamente o acesso a esses grupos a educação enquanto prática libertadora.

Russell (1979, p. 12) salienta sobre as desigualdades na forma de poder, reforçando que “tem existido sempre nas comunidades humanas, até onde vai o nosso conhecimento do passado” Mediante a isto, uma sociedade que esquece as suas raízes e não reorganiza as formas que deve sair de situações que escravizam, teremos uma camada social refém de “homens que gostam do poder na medida em que acreditam em sua competência para lidar com a questão em jogo; mas quando se dão conta da sua incompetência, preferem seguir um dirigente”. (RUSSELL, 1979, p. 13).

Na educação, não encontramos um caminho diferente, por vezes, observa-se aqueles que se acham os detentores do saber, esses homens e mulheres que se colocam numa situação de relevância em relação ao outro, no que tange a educação e o acesso às mesmas.

O processo educativo em que estamos inseridos, permeados por uma profunda desigualdade social e econômica, revela esse poder que é mal distribuído, segrega e joga para a periferia as camadas mais abastadas. Para ir de encontro a essa situação supracitada, em que coloca a educação e os seus envolvidos em uma situação de vulnerabilidade, Ivenicki (2019), compreende que:

A resignificação das políticas na vida das escolas e em outras instituições educacionais passa a ser percebida como aquela em que os potenciais de todos são incentivados, focalizando os atores educacionais como protagonistas de um movimento que desafie preconceitos, assédios e quaisquer formas de violência, racismos, sexismos, bullying e outros abusos,

---

<sup>3</sup> SASSE, C. Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres. **Senado Notícias**. Brasília-DF, 12 de Mar. de 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>> 15 de Abril de 2021.

<sup>4</sup> BATISTA, V. IBGE: Brasil continua sendo o 9º país mais desigual do mundo. **Estado de Minas**. Minas Gerais, 21 de Nov. de 2020. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/11/12/internas\\_economia,1204108/ibge-brasil-continua-sendo-9-pais-mais-desigual-do-mundo.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/11/12/internas_economia,1204108/ibge-brasil-continua-sendo-9-pais-mais-desigual-do-mundo.shtml)> Acesso em 15 de Jun. de 2021.

de modo a que se contribua para a formação de identidades comprometidas com direitos humanos, com a pluralidade e com valores democráticos de cidadania. (IVENICKI, 2019, p. 2).

Portanto, as políticas públicas voltadas para a nossa escola, para os grupos vulneráveis, sobretudo no Brasil, se faz necessário. Pois, é preciso tornar-se realidade na pluralidade de nossas instituições, seja em níveis, macro e/ou micro, tendo por objetivo uma educação que possa cumprir seu papel de agente transformador da sociedade.

## **2. BERTRAND RUSSELL: UMA COMPREENSÃO DAS FORMAS DE PODER**

Ao pensarmos o poder, trazemos à mente uma imagem de alguém que perde e uma outra pessoa que ganha, fruto de uma relação de poder. Em linhas gerais, para Bertrand Russell,(1975) “o poder pode ser definido como a produção dos resultados pretendidos” (p. 24). Ou seja, dito de outro modo, diante de dois sujeitos sociais, o que melhor conseguir resultados positivos sobre o outro, este será entendido como aquele que tem mais poder. Porém, nem sempre é assim que acontece. Mediante as formas de poder elencadas por Russell, temos o Poder Nu e o Poder Tradicional.

Sobre essas formas de poder, vale exemplificar cada tipo de poder, a começar pelo Poder Nu, onde acordo com Russell, podemos compreender o Poder Nu como aquele que exerce uma força ou influência sobre o outro, de modo que, até mesmo quando não esteja querendo compactuar da forma de poder, passa a ter em sua vida ações e gestos concretos do poder nu, uma vez que o mesmo acontece inerente a vontade do outrem. Bertrand Russell, corrobora afirmando que o poder nu enquanto ‘puro e simples’ é:

Aquele que não se baseia na tradição ou no consentimento. Suas características diferem grandemente das peculiaridades dos poder tradicional e onde persiste o poder tradicional, o caráter do regime depende, em grau quase ilimitado, do seu sentimento de segurança ou insegurança. (1979, p. 26).

Neste sentido, o poder puro podemos compreender como uma concretização do poder nu. Aqui, a expressão “nu”, pode ser entendida a partir da imagem de um sujeito despido de suas vontades, escolhas, das potencialidades em que os atores sociais estão inseridos. Ou seja, mesmo contrária a uma situação, ela exerce um certo poder.

No processo educacional, podemos compreender o poder nu na medida em que encontramos situações de imposições no processo educativo, quando não existe EM

uma educação para a liberdade, que permite termos sujeitos, que segundo Freire, tenham “compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem” (APUD, SCHRAM; CARVALHO, 2018, p. 2-3).

Neste sentido, a educação enquanto caminha para a liberdade, aqui, dialoga-se com Russell, que fala do poder nu e de Paulo Freire, que salienta a importância da educação enquanto elemento que ajuda os sujeitos sociais a se libertarem de amarras que não os permitem um avanço social, político, uma libertação de estruturas que paralisam quaisquer tipos de crescimentos, assim salienta o educador:

é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. (2006, p. 45).

Neste sentido, evidencia quão necessário é termos uma educação que vai de encontro a uma forma de poder que, segundo Russell, ele chama de “Poder Tradicional”, que é o contrário do poder nu, que fora supracitado. Pois, o poder tradicional, é uma forma de poder que se apresenta na base do não questionar, do “sempre foi assim”, o que para a um processo de educação essa premissa não é possível, visto que a educação é tornar o sujeito um ser que vai sempre construindo-se, um transformar realidades injustas, como a desigualdade que não permite relações recíprocas.

Neste ínterim, enquanto poder tradicional, Russel (1979, p. 26) afirma: “o poder tradicional tem seu lado a força do hábito; não precisa justificar-se a todo momento, nem demonstrar sempre que nenhuma oposição é bastante forte para derrubá-lo”.

Assim, a escola se apresenta como um espaço ideal para a libertação, uma educação que questiona e não amordaça ou domestique, mas, que permita um debate e uma compreensão sobre o espaço em que estamos inseridos e um constante diálogo com o próximo, afinal “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. (1997, p. 52)

Mediante as formas de poder apresentadas por Bertrand Russell, que são: Poder Nu e Tradicional, elas se apresentam dentro do espaço escolar, à medida em que o processo educacional vai acontecendo. As imposições feitas e um modelo tradicional de

ensino, são formas rígidas que não possibilitam uma mudança e um avanço educacional, bem como, conhecer as realidades em que os atores sociais estão inseridos.

Daí, o poder nu se apresenta como um meio que permite questionar tais situações, possibilitando refletir uma escola democrática e acessível, enquanto espaço coletivo e dinâmico e assim, a “[...] educação [...] é um fator fundamental na reinvenção do mundo.” (FREIRE, 2003, p. 10), então, diante desse mundo cheio de conflitos, precisamos de uma sociedade

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A hodiernidade nos coloca diante de algumas problemáticas, como por exemplo: a desigualdade. Fruto de um processo histórico, econômico e social que se deu de forma injusta e cheia de segregação. Tais disparidades, não foram diferentes no processo educacional.

O autor, que oferece base para as reflexões presentes, busca refletir sobre dois conceitos que ele aborda, são os seguintes: O poder nu e o poder tradicional. Ao observarmos a epistemologia da temática em discussão, observa-se uma ligação direta com os meios e os processo em que a educação se faz.

A começar pelo poder tradicional, que segundo o autor, é um poder que no palco dessa reflexão, a plateia, isto, os sujeitos sociais, não indagam, questionam, querem padrões existentes, como por exemplo: Uma educação que aprisiona e não permita termos indivíduos capazes de olhar para novas vias de reflexões e atitudes.

E, temos o espaço escolar como este que possibilita uma prática que transforma, afinal a sala de aula é “[...] libertadora é exigente, e não permissiva. Exige que você pense sobre as questões, escreva sobre elas, discuta-as seriamente” (FREIRE; SHOR, 2008, p. 25).

Mediante isto, termos crianças, jovens e adultos críticos, que não aceitam imposições e mecanismo que tirem e privem a sua liberdade, ferindo diretamente a sua dignidade enquanto ser humano e cidadão que, tendo deveres, tem também direitos e para termos o cumprimento dos direitos, uma sociedade e a educação crítica, possibilitará a tal feito, direitos e deveres, em harmonia e uma sociedade que se encontra naquilo que faz e deseja.

Parece-nos utopia, nos tempos presentes, fazermos tal afirmação, pois, o cenário nos apresenta o aumento das desigualdades, aqui, não olhemos a nossa compreensão a respeito de desigualdade, apenas no aspecto econômico, mas, como um conjunto, que, quando não organizado, cria espaços subnormais.

Assim, se dá a desigualdade, sobretudo no mundo contemporâneo em que estamos inseridos sob fortes influências dos espaços de poder. Nesta ramificação, Russell (1979) corrobora afirmando que o poder para com os seres humanos pode ser classificado ou pelo modo de influenciar indivíduos, ou pelo tipo da organização, ou pelo tipo da organização em causa.

Portanto, mediante essa influência e outorga dos poderes, a educação se apresenta como mecanismo que vai de encontro a essas formas, quando é preciso termos consciência de nossas ações e do papel da educação, afinal “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”. (2006, p. 30).

Nesta vertente, teremos indivíduos que perpassam uma forma de poder tradicional, obtendo uma esfera crítica da realidade, da educação e permitindo assim ser capaz de dialogar e superar um qualquer forma de domesticação. Mediante esse quadro, romper com uma estrutura fixa, que não permite um olhar à frente, Russell salienta que o poder nu, se apresenta nesse sentido, se levanta por uma insatisfação.

Portanto, mediante o que já foi refletido no presente artigo, é preciso um fiel cumprimento das leis e de políticas públicas em reparação às desigualdades, sobretudo a educacional. O caminho para tal, não é indiferente ao conhecimento das autoridades políticas e educacionais, a começar pensando em um modelo de escola de inclusão.

Investimento e capacitação profissional para uma educação que possibilite a libertação e uma práxis onde teremos a superação dos mecanismos de opressão, como salienta Vásquez (1977) “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”. (p. 38).

Ao superarmos essa dialética do poder, devemos cultivar na sociedade um sentimento de esperança crítica, com diálogo, afinal, “[...] a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo” (FREIRE, 2003, p. 72).



Para além dos meios supracitados, dentro do espaço escolar, precisamos de um plano de estudos que não fique na opção do decorar, tão pouco, se limite a estrutura que não permitam termos sujeitos críticos. Vale salientar, a importância de minicursos, palestras, trabalhos de pesquisas, pois, tendo educandos que conhecem a realidade, saberão com mais efetividade questionar e ler a realidade circundada.

## REFERÊNCIAS

CORTELLA, M. S. **Pensatas Pedagógicas: nós e a escola: agonias e alegrias.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. Educação e sociedade. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro , v. 27, n. 104, p. 449-454. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/MGwkqfpsmJsgjDcWdqhZfks/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 15 de Junho de 2021.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3ª ed.; São Paulo: Centauro, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. Primeiras Palavras. In: **Política e Educação: ensaios.** São Paulo: Cortez, 2003. Disponível em:< [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/politica\\_educacao.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/politica_educacao.pdf) .> Acesso em 19 de junho de 2021.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 224 p

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 148 p.

GATTI, B. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação.** Campinas, SP: Editora Autores, 1997

GUIRAUD, L. **As relações de poder na organização escolar: um estudo sobre a construção da subjetividade.** Cadernos PDE, volume 1. Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde>> Acesso em 25 de Maio. 2021.

IVENICKI, A. A escola e seus desafios na contemporaneidade. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro , v. 27, n. 102, p. 1-8, mar. 2019 . Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/s0104-40362018002700001>> Acesso em 15 de Jun. de 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

RUSSELL, B. **O Poder** - uma nova análise social. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHRAM, S.C. & CARVALHO, M.A.B. (2018) **O pensar educação em Paulo Freire**. Para uma Pedagogia de mudanças: Poesia do educador Paulo Freire. Disponível em:< <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2> > Acesso em 18 de Junho de 2021.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.